



**INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS – Departamento de Geografia**

**Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) – agosto 2019 a setembro 2020**

**Discente: Marina Sbrocco**

**Orientador: Prof. Dr. Ricardo Castillo**

### **COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS HORTIGRANJEIROS NA CEASA CAMPINAS: ANÁLISE DO PAPEL DO ENTREPOSTO COMO CENTRO DISTRIBUIDOR DA PRODUÇÃO FAMILIAR LOCAL/REGIONAL**

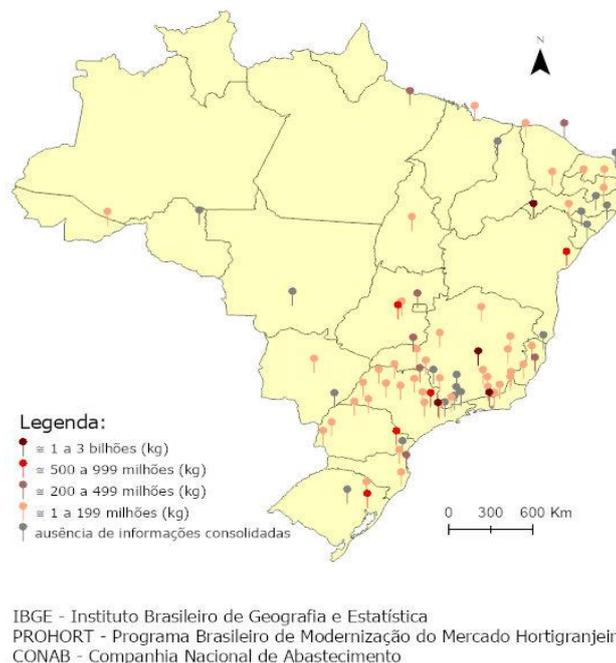
As Centrais de Abastecimento brasileiras têm grande relevância no tocante ao abastecimento alimentar de boa parcela da população do país. Atuando em determinadas regiões, são capazes de potencializar a comercialização e a distribuição de produtos, em especial, do setor hortigranjeiro<sup>1</sup>. Em 2018, o conjunto nacional dos entrepostos movimentou cerca de 16,8 milhões de toneladas de produtos desse setor, junto a uma movimentação financeira superior a R\$ 36 bilhões (CONAB – PROHORT/SIMAB). A Ceasa Campinas, no mesmo ano, movimentou mais de 1,5 bilhão de reais (CONAB – PROHORT/SIMAB), mostrando-se muito relevante em termos econômicos e de abastecimento alimentar do país.

Por meio do *software* ArcGIS PRO, a produção de um mapa referente à topologia das Centrais de Abastecimento no território brasileiro evidenciou sua concentração, em especial, nas regiões mais urbanizadas e populosas do país, próximas ao litoral. Um segundo mapa – Mapa 1 apresentado abaixo – referente a uma classificação das Ceasas de acordo com o volume (em quilograma) comercializado no ano de 2018, mostra a existência de quatro grandes centrais classificadas entre 1 a 3 bilhões de kg comercializados (localizadas em SP, RJ, BH e BA, respectivamente); a Ceasa Campinas, no ano em questão, comercializou um volume de 603.916.736 kg de produtos hortigranjeiros, ficando em 9º lugar nesse ranking de comercialização.

---

<sup>1</sup> Entre os produtos hortigranjeiros, encontram-se as hortaliças, frutas, flores e ervas (referentes ao termo “horti”), além de ovos, aves e pequenos animais (referentes ao termo “granjeiro”).

## Brasil. Volume (em quilograma) comercializado pelas CEASAS em 2018



**Mapa 1: Brasil. Volume (kg) de hortigranjeiros comercializados pelas CEASAS em 2018.**  
**Fontes: IBGE; PROHORT. Elaboração própria.**

Segundo a teoria dos dois circuitos da economia urbana (SANTOS, 1979), essas centrais de abastecimento poderiam ser compreendidas como intermediários do circuito superior, abarcando atividades do tipo “misto”, já que são racionalizadas por grandes empresas do circuito superior – composto por atividades de maior capital e tecnologia –, mas também racionalizam atividades do circuito inferior – de menor capital e escala de influência – como o pequeno varejo, agindo como elo entre a demanda e a oferta. Elas também podem ser compreendidas como nós de transporte de carga simples e como nós logísticos (CASTILLO & BRAGA, 2013), inclusive de agentes do circuito inferior das economias agrária e urbana tanto à montante quanto à jusante dos entrepostos, uma vez que, à montante, tem-se os agricultores familiares como principais parceiros na produção de hortigranjeiros, e à jusante, o abastecimento de pequenos comerciantes como feirantes e varejistas (CONAB, CENSO AGROPECUÁRIO 2017).

Nos anos 1980, as Ceasas sofreram uma descentralização de seu controle acionário, passando do Governo Federal para os estados e municípios. A Ceesa Campinas, fundada em 1972 e com início de suas operações em 1975, foi municipalizada em 1989. De acordo com Cunha e Belik, (2012), tal processo ocasionou uma descoordenação desse sistema, o que

levou diversas Ceasas à perda de seu papel primordial de reunião da produção local/regional para redistribuição. Os autores constataram a existência de um conjunto de centrais que se comportam, basicamente, como importadores, com muito pouca ou nenhuma influência sobre a base produtiva local, e um conjunto daquelas que mantêm o papel importante na reunião da produção local e regional.

Considerando isso, e à luz de análises anteriores, esta pesquisa teve por objetivo compreender o papel da Ceasa Campinas como um centro de distribuição para a produção familiar local e regional, elucidando a participação dessa produção mediante a comercialização dos dez principais produtos hortigranjeiros que circularam no entreposto em 2018, e partindo de levantamentos acerca da distância rodoviária entre os municípios fornecedores desses produtos e o próprio entreposto, além de fomentar, dessa forma, discussões acerca das relações entre as centrais de abastecimento e a chamada “logística dos pequenos” produtores rurais (CASTILLO, 2018), aqueles não integrados ao agronegócio globalizado.

Assim, para o levantamento dos dez principais produtos, das quantidades e dos municípios fornecedores nos meses de 2018, utilizou-se o portal de consultas da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), que apresenta um banco de dados da PROHORT/SIMAB. Constatou-se que os dez mais comercializados pela Ceasa Campinas naquele ano foram, respectivamente, batata (75.024.085 Kg), melancia (45.088.294 Kg), laranja (39.355.068 Kg), banana (36.711.940), cebola (36.611.839 Kg), mamão (36.251.453 Kg), tomate (34.353.124 Kg), maçã (26.539.234 Kg), abacaxi (25.219.500 Kg) e manga (18.809.884 Kg), como mostra o Gráfico 01 abaixo.

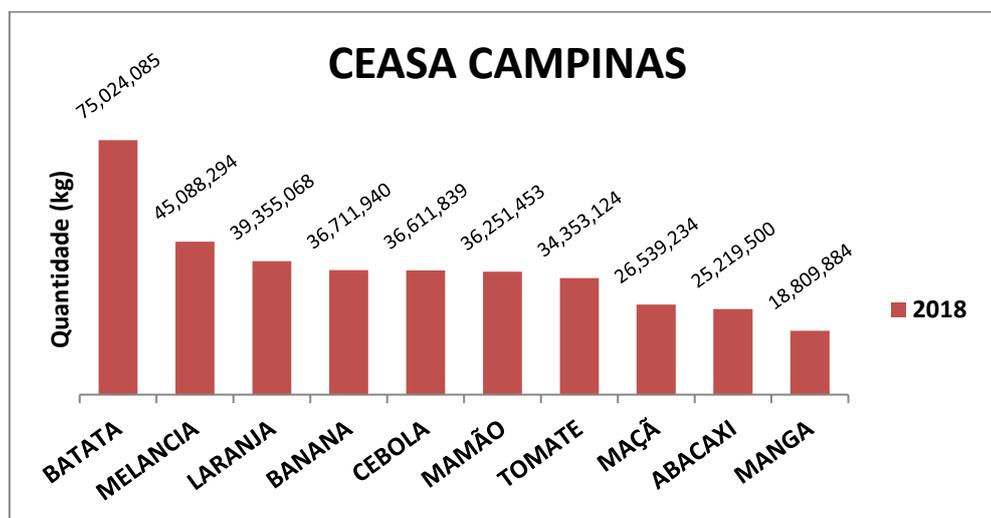
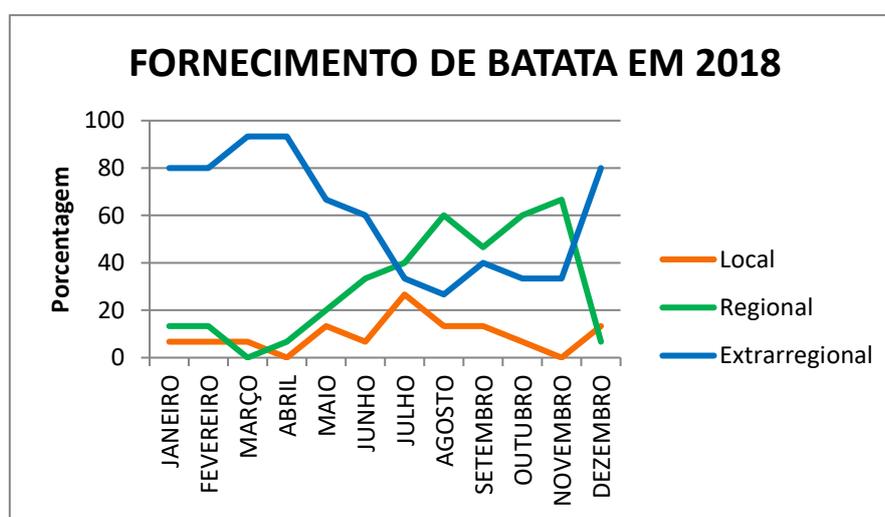


Gráfico 01: Dez produtos hortigranjeiros mais comercializados pela Ceasa Campinas em 2018.

Fonte: PROHORT/CONAB.

Para a obtenção das distâncias rodoviárias da oferta desses produtos, utilizou-se o *Google Maps*, e foi calculada a quantidade existente de municípios classificados como fornecimento local (até 100 Km), fornecimento regional (de 100 a 300 Km) e fornecimento extrarregional (acima de 300 Km)<sup>2</sup> em cada mês de 2018 para todos os dez produtos. Com isso, foi possível gerar gráficos que ilustram, em porcentagem, a origem do fornecimento de cada produto ao longo do ano referido, a exemplo do Gráfico 02 abaixo representando o fornecimento de batata. Foi possível observar, com eles, que a grande maioria dos produtos analisados apresentou um fornecimento essencialmente extrarregional, com exceção da laranja e do tomate, que tiveram predomínio do fornecimento local.



**Gráfico 02: Fornecimento de batata para a Ceasa Campinas em 2018.**  
**Fonte: PROHORT/CONAB. Elaboração própria.**

A partir de todos os levantamentos realizados, o que se constatou na análise da Ceasa Campinas foi uma manutenção, em parte, do papel primordial das centrais, com considerável influência – no conjunto dos produtos ofertados – do fornecimento regional, que, no entanto, tem relevância bastante reduzida ao se analisar os dez produtos hortigranjeiros mais comercializados. Nesse sentido, embora os dados das UF fornecedoras mostrem o estado de São Paulo como principal fornecedor (49%) em 2018, com alguns municípios locais e regionais bastante representativos no conjunto da oferta, 8 dos 10 principais produtos comercializados tiveram origem majoritariamente extrarregional, o que leva a questão do por que esses produtos de maior destaque não são produzidos ou, então, comprados em maior quantidade local e regionalmente?

<sup>2</sup> Procedimento inspirado na metodologia utilizada por CUNHA e BELIK (2012), com algumas adaptações.

Com esta pesquisa, também foi possível pensar na atuação das Centrais de Abastecimento como elos ou nó logístico, especialmente no que diz respeito ao circuito inferior das economias urbana e agrária, pois, como visto, por meio de suas capacidades e funções logísticas sustentadas pelo maior acesso ao capital, vinculando a demanda e a oferta no abastecimento agro alimentar, elas incorporam tanto a compra de produtos de agricultores familiares quanto a venda para o pequeno varejo, grande dependente das centrais. Dessa forma, as centrais de abastecimento podem atuar como um protagonista da logística de agentes do circuito inferior, como os pequenos produtores rurais, e promoverem, se mantida a relação com a base produtiva local/regional, circuitos locais de produção, não integrados à lógica do agronegócio globalizado, já fortemente amparado pelo capital. No caso da Ceasa Campinas, torna-se evidente que essa atuação seria potencializada se a relação com a base produtiva local/regional fosse mais e melhor articulada.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CONAB – PROHORT/SIMAB. **Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB)**, 2018. Disponível em: < <http://dw.ceasa.gov.br/>>. Acesso em: 2 de set. de 2019.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

BRAGA, Vanderlei; CASTILLO, Ricardo. Tipologia e topologia de nós logísticos no território brasileiro: uma análise dos terminais ferroviários e das plataformas multimodais. **Boletim Campineiro de Geografia**, v.3, n.2, 2013.

IBGE – CENSO AGROPECUÁRIO 2017. **Resultados Preliminares**. Disponível em: <[https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/templates/censo\\_agro/resultadosagro/index.html](https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/templates/censo_agro/resultadosagro/index.html)>. Acesso em: 26 de ago. de 2019.

CUNHA, A. R. A. de A.; BELIK, W. Entre o declínio e a reinvenção: atualidade das funções do sistema público atacadista de alimentos no Brasil. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 50, n. 3, p. 435-454, set. 2012.

CASTILLO, Ricardo. Da logística do agronegócio globalizado à logística da agropecuária familiar: algumas possibilidades de pesquisa. **Encontro da Rede de Pesquisas sobre Regiões Agrícolas (Reagri)**. Inédito. Fortaleza, 2018.